Desmistificando a Imoralidade de Maquiavel: Um Ensaio Justificativo

Railson da Silva Barboza

Universidade Federal Fluminense – Niterói-RJ,

E-mail: railson_barboza@yahoo.it

Resumo: O objeto de estudo desse trabalho não é tanto falar sobre os conceitos éticos e filosóficos do pensamento de Nicolau Maquiavel, mas reforçar a importante tarefa de debruçar os estudos sobre o autor. A partir de seus comentadores e estudiosos, veremos os reais objetivos de seus escritos direcionados à península italiana que sofria com a fragmentação territorial, no intuito de desmistificar a compreensão reducionista anti-maquiaveliana construída e difundida.

Palavras-chave: Política, Filosofia, Maquiavel, Itália, Comentários.

Demystifying Machiavelli's immorality: a justifying essay.

Abstract: The object of study of this work is not so much to talk about the ethical and philosophical concepts of Nicolau Machiavelli's thought, but to reinforce the important task of studying the author. From his commentators and scholars, we will see the real objectives of his writings directed to the Italian peninsula, which suffered from territorial fragmentation, in order to demystify the constructed and widespread anti-Machiavellian reductionist understanding.

Keywords: Politics, Philosophy, Machiavelli, Italy, Comments.

Introdução

Propomos nesse artigo aprofundar teoricamente o debate sobre um autor singular na literatura política e filosófica da Renascença: Nicolau Maquiavel. Compreender a singularidade do autor florentino, considerado como pai da Ciência Política, à luz de seus principais escritos, auxiliados pelas leituras dos comentadores políticos e históricos, abrange o conhecimento sobre o período histórico renascentista, bem como contribui para que não se caia no erro do amesquinhamento interpretativo do autor.

Ao longo dos séculos "criou-se uma tal notoriedade em torno do nome de Maquiavel que ainda hoje ser considerado maquiavélico é uma séria acusação no debate político" (SKINNER, 2012, p.9) [6]. O que levou a interpretação generalista do termo

"maquiavélico" como sinônimo de mau e adjetivo pejorativo (em quaisquer âmbitos sociais) traduz a equivocada análise construída sobre seu pensamento.

Na história do pensamento político, quase não há livro que interpele tantos comentários, críticas e debates, além da notável influência, como a obra "O Príncipe". Da mesma forma, não há obra que tenha sido interpretado de maneiras tão diversas e conflitantes como essa (PINZANI, 2004) [5]. A riqueza dos comentários e análises sobre o andamento das ações políticas, onde o sujeito da ação é o próprio homem, sem uma interpretação teleológica ética ou moral que fundamente seus ordenamentos, a não ser as relações de interesse na prática política, fazem desse autor imprescindível para entender a política como ciência. Nas palavras de Vinicius Barros (2014, p.19) [1], "Maquiavel foi o intérprete político de uma era, para a Itália, rica em dramaticidade e noturnas conspirações", constituída por mudanças significativas em suas formas de governo, bem como a constante alteração de líderes. Pelo mesmo caminho, Maurizio Viroli (2002) [7] credita essa singularidade de Nicolau na análise das relações humanas na política ao seu convívio social, à sua vida pública, onde "aprendeu nas ruas, praças, igrejas, bancos e tabernas que faziam de Florença uma escola esplêndida e árdua, única no mundo" (p. 25). É notável que mesmo diante de opiniões diversas sobre o autor florentino, reconhece-se que "Maquiavel é um 'filho de sua época', que é um testemunho típico da Renascença" (CASSIRER, 2003, p. 160) [2].

Assim, entender a dinâmica da política italiana naquele contexto, em especial, e posteriormente o motivo pelo qual Maquiavel escreve sua *Opera Magna*, torna-se fundamental para elucidar sobre a constituição sociopolítica italiana, bem como sua histórica divisão territorial e política.

Objetivos

- Resgatar a importância do estudo sobre Maquiavel nos campos político e filosóficos;
- Analisar a influência do contexto italiano de Maquiavel em sua escrita;
- Debater sobre o equívoco generalista que o escrito maquiaveliano obteve ao longe dos tempos.

Resultados

O eixo principal do pensamento do autor florentino é a relação entre *virtù* e *fortuna*, permeando toda sua obra e simbolizando o conflito entre o homem de ação e os acontecimentos do orbe político (BARROS, 2014) [1]. Conceituando esses dois princípios que permeiam as ações humanas, percebe-se o divórcio dessa perspectiva antropológica com a perspectiva clássica, dando início a um novo tempo e marcando para sempre o nome de Nicolau na história do pensamento. Sua teoria política "constitui uma verdadeira doutrina da técnica e da eficiência do domínio político" (PINZANI, 2004, p. 21) [5], e suas obras políticas consiste, quase totalmente, na reflexão sobre o poder. Para o autor florentino, "todas as relações inter-humanas são relações de poder (PINZANI, 2004, p. 20) [5], e isso se prova em seus escritos não apenas com suas obras políticas, mas históricas, literárias e teatrais.

Discussão

Segundo Paul Larivalle (1988, p. 9) [3], a "fragmentação territorial, que favorece os particularismos e ao mesmo tempo as rivalidades intermináveis, se revelara catastrófico para o destino da península, ainda durante a vida do próprio Maquiavel". Assim, o príncipe de *virtù*, conceito este fundamental para entender os motivos pelos quais Nicolau "valida" o uso da força e do mal pelo príncipe, seria aquele que através de suas qualidades técnicas (estratégias) seria capaz de conquistar e unir todo o território peninsular. Na Itália havia essa particularidade: era um imenso "mosaico" de Estados irremediavelmente divididos, perdidos, em que não havia uma identidade capaz de construir um Estado forte, que pudesse fazer frente às poderosas nações vizinhas (LARIVALLE, 1988) [3].

A divisão territorial dos Estados italianos fez com que Maquiavel, sobretudo no "Príncipe", pensasse sistematicamente ao debruçar sua análise teórica política, "uma doutrina da técnica e da eficiência do domínio político" (PINZANI, 2004, p. 21) [5]. Todavia, "veem-se as ideias de Maquiavel serem apropriadas como um sinônimo de opressão e dominação, como um receituário que serve apenas aos déspotas ou àqueles que têm desígnios pouco louváveis" (BARROS, 2014, p.10) [1]. Sua obra obteve uma

interpretação equivocada, também devido às turbulentas mudanças que o cenário histórico vivia: “era odiado pelos católicos, que consideravam as suas ideias anticristãs; e desprezado pelos protestantes, que viam nas ações de alguns líderes católicos a realização de suas prédicas” (BARROS, 2014, p.121) [1]. Porém, para finalizar, a força de uma obra prima pode ser identificada pela pluralidade de compreensão sobre sua leitura, compondo um leque de interpretações e entendimentos, pois daí nascem perspectivas e ângulos que não tenham sido desvelados. Dessa forma, não se deslegitima o partido “anti-maquiaveliano” tomado por uma extensa gama de autores, porém reforça-se que em nenhum momento Maquiavel foi realmente um Imoralista, ou alguém que pregou o mal pelo mal, como foi erroneamente propagado ao fim de sua morte.

Maquiavel não defende o uso irrestrito da tirania e da crueldade, mas deixa claro que há situações em que a liberdade está sob ameaça e se recomenda o uso destes meios para salvaguardá-la. A liberdade da nação (ou do Estado, se preferir), em conjunto aos direitos individuais dos sujeitos, seria o “fim último” que justificaria o uso de instrumentos moralmente contraditórios. Ou seja, em outras palavras, para defender a liberdade e o direitos dos indivíduos é moralmente válido o emprego de forças além para resguardá-los.

Conclusão

Para concluir, devemos reafirmar o papel da prudência nas escolhas de um líder. Isso em nenhum momento coaduna com a narrativa do “mal pelo mal”, como fora atribuído à Nicolau. Como diz o próprio autor florentino, em uma das suas peças, “sempre ouvi dizer que é dever do homem prudente escolher, dentre as más resoluções, a melhor” (MAQUIAVEL, 2004, p. 85) [4]. A imoralidade que Maquiavel foi acusado está impregnada de razões subjetivas e crenças, e não pela análise real dos fatos e da vida política. Os primeiros grandes “anti-maquiavelistas”, como o bispo Jerónimo Osório, ou o rei prussiano Frederico II, ou até mesmo o humanista Jacques Maritain, repousavam suas análises em teorias fincadas na moralidade cristã, em que o bom agir moral conduz à uma ética teleológica.

Entretanto, por partir do princípio em que subjetividades e jogos de interesses são características reais do jogo político, em nenhum momento Maquiavel fechou seus

olhos e construiu uma realidade paralela. A partir da análise política nua e crua, sim, podemos entender como se deve agir e participar dessa arte fundamental em nosso cotidiano. Podemos resumir o intuito do pensamento político em Maquiavel com base na política não como deve ser, mas como ela é realmente.

Agradecimentos: O autor Raílson da Silva Barboza gostaria de agradecer o apoio dado pelos organizadores do evento, à sua família e pela CAPES.

Referências

1. BARROS, Vinícius Soares de Campos. **10 Lições sobre Maquiavel**. Editora Vozes (Coleção 10 Lições). 6ª Edição. Petrópolis, 2014.
2. CASSIRER, Ernst. **O Mito do Estado**. Tradução de Álvaro Cabral. Editora Códex. São Paulo, 2003.
3. LARIVALLE, Paul. **A Itália no tempo de Maquiavel: Florença e Roma**. Tradução de Jônatas Batista Neto. Editora Companhia das Letras (Coleção "A vida cotidiana"). São Paulo, 1988.
4. MAQUIAVEL, Nicolau. **A Mandrágora**. Editora Peixoto Neto (Coleção Os Grandes Dramaturgos). Volume 3, 1ª Edição. São Paulo, 2004.
5. PINZANI, Alessandro. **Maquiavel & O Príncipe**. Editora Jorge Zahar (Coleção Filosofia Passo-a-Passo). Rio de Janeiro, 2004.
6. SKINNER, Quentin. **Maquiavel**. Tradução de Denise Bottman. L&PM Pocket. Porto Alegre, 2012.
7. VIROLI, Maurizio. **O Sorriso de Nicolau: História de Maquiavel**. Tradução de Valéria Pereira da Silva. Editora Estação da Liberdade. São Paulo, 2002.